

Resenha

Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.

Emília Guimarães Mota

Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, Goiás, Brasil.

emilia_mota@discente.ufg.br

OLIVEIRA, Joana Cabral de. et al.(Orgs.). *Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu Editora/IRD, 2020. 386 p.

Vozes vegetais é uma coletânea de ensaios que reúne diferentes pesquisadoras/es indígenas, ativistas quilombolas, não-indígenas, das diversas áreas de conhecimento como Antropologia, Biologia, Agronomia, Arqueologia, História. É um dos desdobramentos do seminário, de mesmo nome, realizado em 2019, através da parceria entre centros de pesquisa da Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Os 17 capítulos foram abrigados em quatro partes, anunciadas por trechos poéticos de Júlia de Carvalho Hansen, delicadamente engajados aos temas que cada parte revela. As quatro partes juntas desenham o fluxo de semear, criar raízes, cuidar dos vínculos e colher frutos. O livro contém mapa indicativo das localidades e povos indígenas, quilombolas e comunidades citadas e, também, um caderno de imagens. A obra nos sensibiliza para diferentes convivências e coevoluções (HARAWAY, 2019) narradas pelas/os autoras/es.

“Vegetar o pensamento” é o prelúdio que permite alinhar os ensaios e a proposta do livro. Um convite para desacelerar -

Resenha

Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.

Emília Guimarães Mota

2

nos termos de Isabelle Stengers (2018), que em seu texto sobre a cosmopolítica como proposição discorre sobre desacelerar um tipo de raciocínio que é o consensual, para criar espaço para outras sensibilidades. É resistir à maneira como a situação é apresentada. Resistir aos consensos, portanto, do modo de vida capitalista, da monocultura industrial, da engenharia genética atrelada aos pretextos mercadológicos, a todos estes da crise ecológica, do Antropoceno. “Vegetar” é apresentado como estratégia que recobra a potência de fazer crescer, criar, pulular, florescer e proliferar as vozes minoritárias, práticas, histórias, vozes vegetais. O prelúdio alavanca a coletânea anunciando temas que a atravessam, trazendo à baila o tom provocativo que as alianças, composições e resistências engendram ao desacelerar frente ao imperativo universalista da cosmologia ocidental, que tende a supor que o real é o mesmo para todos. Trata-se de desacelerar diante dos “fatos científicos” criados pela Ciência dos modernos, resistir ao consenso em torno da “domesticação”, categoria central para discussões travadas pelos textos, por meio das quais podemos rever temporalidades, categorias e o tema da excepcionalidade humana.

Na Parte I, “Semear a terra: modos de resistência contra o reacionarismo moderno”, encontramos o panorama que de algum modo provoca ruídos aos nossos ouvidos, semeando a sensibilidade para acessar as outras partes. Poderíamos dizer que limpam o terreno, problematizando pontos fundamentais como aquele sobre a voz já ter sido uma prerrogativa humana e o modo como modelos de classificação foram estabelecidos entre vegetal e animal, consolidando arranjos hierárquicos, apresentados por Pedro Paulo Pimenta, no capítulo 1. Se reconhecemos nossa dificuldade junto à Ciência (LATOURET, 2013) de ouvir outras vozes, assim como as problemáticas das “grandes divisões”, por outro lado, encontramos o barulho provocado pelo reacionarismo

Resenha

Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.

Emília Guimarães Mota

moderno, como reação antipolítica, anticientífica, disseminadora de notícias falsas e movimentos que pervertem argumentos e discussões construídas arduamente pelas ciências. Tema abordado no capítulo 2, de Stelio Marras.

Desde o complexo sociocultural do Noroeste amazônico, deparamos-nos com as dissidências entre as roças e os tratados no capítulo 3, de Laure Empereire. As primeiras estão orientadas pelos princípios da completude para o bem-estar da família e a coleção. Balançando os sentidos dessas palavras, colocam em circulação o modo de conceber e cuidar das plantas, que potencializa a agrobiodiversidade, a variabilidade, a preservação de espécies, mas falam sobre um emaranhado de relações também. Os tratados para conservação de recursos fitogenéticos têm viés que não alcança essas sutilezas. Pautam concepções de propriedade e recurso que não reconhecem amplamente direitos indígenas e das comunidades locais.

A “agricultura contra o Estado” apresentada pelo capítulo 4, de Joana Cabral de Oliveira, descreve como “uma guerra cosmopolítica tem sido travada por meio de alianças vegetais” (p. 78). Encontramos neste artigo outras formas de fazer política em que há a recusa do “um” em favor do múltiplo. De um lado vemos o monocultivo, homogêneo, monótono, o “Estado herbicida”. Do outro, as roças hiperdiversas, a pluralidade de ritmos. É com os conhecimentos dos Wajãpi sobre a mandioca que vamos conhecer como povos ameríndios conseguem manter e incrementar a diversidade de mandiocas, sem sofrer os mesmos problemas que as produções comerciais. Isso se deve a uma articulação afinada com diferentes indivíduos, espécies e seus ritmos. O que Antônio Bispo dos Santos (2015) denominou por biointeração, como a contracolonização do desenvolvimento sustentável, pode ser encontrado ao longo do livro, como no capítulo 5, de Maria

Resenha

Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.

Emília Guimarães Mota

Rodrigues do Santos, que se debruça sobre sua experiência como agricultora, continuando sua luta pela terra associada às possibilidades da agroecologia. Ademais da necessidade de conhecer “as regras da natureza”, o texto chama atenção para nos sensibilizarmos e “voltar a entender que os seres vegetais formam a gente” (p. 104).

A Parte II, “Raízes da diversidade: saberes dos povos do passado e do presente, histórias de vida e lugares de memória”, ecoa vozes desde a Bacia do Alto Juruá e da região próxima a Monte Alegre (MG), junto a povos como os Kaingang e povo Mura. Aprofunda o debate sobre como a classificação entre plantas domesticadas e selvagens é desestabilizada ao seguirmos espécies que se apresentam como testemunhas de repertórios de práticas e conhecimentos. A distribuição e variedade é descrita por Eduardo Góes Neves, no capítulo 6, como relacionadas às interações com humanos. A apresentação a partir do pequi, da castanha-do-pará e do pinhão nos ensina sobre como os processos ecológicos e sociais não podem ser desembaraçados uns dos outros.

A diferenciação entre plantas cultivadas e não cultivadas parece ressoar mais do que aquela entre domesticadas e selvagens, uma vez que diz apenas sobre práticas diretamente aplicadas a elas ou não. “Não cultivada” não se refere a ausência de interação com outras plantas, espíritos, animais incluindo os humanos. A coevolução entre habitantes da região amazônica, por exemplo, em graus variados de proximidade, apresentada no capítulo 7 por Laura P. Furquim, apontam para a manifesta biodiversidade que foi incrementada paulatinamente, diversidade esta que nos contam também sobre sociabilidade humana.

O corpo aparece como idioma basilar da interação entre grupos amazônicos e plantas da floresta, no capítulo 8, de Gilton Mendes dos Santos, que esmiúça a produtividade do discurso

Resenha

Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.

Emília Guimarães Mota

nativo sobre origem e sentido dos cultivos. Ele descreve sobre a massa e goma, adentrando nas interações das roças com a floresta. Já com Priscila Ambrósio Moreira, no capítulo 9, conhecemos um texto que chama atenção para o fato dos vegetais aguçarem “nossa memória sobre o codesenvolvimento de suas histórias de vida e nossas histórias de gente” (p. 155). Permite ampliar horizontes sobre a complexidade da domesticação, indicando que tanto nossas práticas quanto as estratégias de vida dos vegetais se influenciam mutuamente. A escolha das cuias, um dos mais antigos recipientes usados nas Américas, possibilita embrenhar no universo das dinâmicas entre os quintais e as florestas alagáveis.

A vida junto a “espécies companheiras” (HARAWAY, 2003) é tema do capítulo 10, de Marta Amoroso, que conta histórias de seguir a trilha com os Mura e a descoberta do Manhafã, uma tuberosa antiga, proveniente de cipó não cultivado que pode funcionar como uma “cápsula do tempo”, por ecoar histórias de relações multiespecíficas com demais existentes da floresta (p.167). As narrativas sobre ela recontam sobre deslocamentos dos povos e a centralidade dessa espécie não cultivada na dieta dos povos da Terra Indígena Cunhã-Sapucaia. Dentre muitos aprendizados que podemos ter com este texto, um deles se destaca, pois ensina como os povos indígenas se reconhecem responsáveis por cuidados das espécies vegetais e animais, contudo, sem reivindicar o papel de protagonistas. Reconhecem aquilo que autora expressou como sendo uma composição, de entrelaçamentos antigos de relações e cuidados, que anunciam uma política da consideração entre parentes, vegetais, animais, espíritos, “donos de espécies”.

A Parte III, “Socialidades vegetais: parentesco, predação, cuidados e afetos”, é apresentada a partir das experiências de povos Banawá, Zuruahã e povo Jarawara. Embora seja a menor na quantidade de textos, as vozes vegetais não se fazem menos audíveis. À política de consideração podemos somar outra

Resenha

Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.

Emília Guimarães Mota

expressão, a de “princípio de precaução”, utilizada por Miguel Aparício, no capítulo 11. Através do timbó, utilizado para pesca, a relação com as castanheiras e flecheiras, os Barawá ensinam que para manter as relações na floresta adequadamente, o excesso não pode ocorrer (p.194). Este princípio de precaução é o que orienta as discussões e casos deste texto que versa sobre a “contradomesticação”, um “conceito que ensaia uma tradução da socialidade interespecies dos ameríndios” (p. 210).

As relações de parentesco e cuidado com as pupunheiras são foco das elaborações de Fabiana Maizza, no capítulo 12, em que o “cuidar com” ventilado por María Puig de Bellacasa e a provocação de Haraway “façam parentes, não bebês” inspiraram a ficção especulativa, assim denominada pela autora, presente nessa composição. A autora pensa junto com acadêmicas feministas que desejam tirar o conceito de “cuidar” do âmbito exclusivamente humano (p. 224). O capítulo 13, de Karen Shiratori, inicia desde a imagem da transformação do corpo da mulher em árvore para introduzir seu tema ao refletir sobre o devir planta das mulheres jamamadi. O cenário comentado é do processo de construção do corpo das mulheres nos ritos iniciados com a menarca. Colocando em diálogo as mulheres, o sangue e as plantas, o texto apresenta reflexões sobre a vegetalidade humana.

A quarta parte do livro e última é “Colhendo frutos: mito e ritual, ciclos de vida e interações multiespecies”. Aqui vemos sobre como ciclos de vida das pessoas e dos vegetais estão imbricados. Os capítulos 14 e 15, de Mario Fernandes e Igor Scaramuzzi, respectivamente, abordam a emblemática árvore da castanheira e suas relações com povos ribeirinhos, indígenas, quilombolas. Ademais da prática que convencionalmente se denomina como extrativista, o autor do primeiro ressalta que importa saber sobretudo o que dizem as castanheiras aos Apurinã. Para tanto,

Resenha

Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.

Emília Guimarães Mota

o texto apresenta um exercício de levar a sério as narrativas míticas de origem, já que permitem “pensar com” as castanheiras. O segundo investe na rede de parceria e cooperação com essas árvores, que conta com outros animais (como a cutia), insetos e vegetais que ajudam os castanhais a se criarem (p. 267), a partir do Alto Trombetas.

O capítulo 16, de Ana Gabriela M. Lima, Creuza Prumkwyj Krahô e Veronica Aldé, desloca-nos para o Tocantins onde vivem os Krahô, que reconhecem os vegetais “como sujeitos sociais pensantes e sencientes que possuem hábitos vontades e desejos específicos” (p. 288-289). O texto enfoca os cantos do milho, alimento essencial nas práticas de resguardo ligadas ao ciclo da vida e morte da pessoa. Cultivar as plantas implica em ser aparentados por elas também, desde relação corporal e afetiva que envolve muitas práticas de cuidado. Através dos cantos da festa do milho, podemos identificar agenciamentos polinizares e dispersores de espécies, e diferentes vozes que coabitam o Cerrado.

Na esteira dos cantos, Izaque João Kaiowá encerra o livro com o capítulo 17, apresentando junto aos Kaiowá o tema das plantas ouvirem nossa voz. O autor faz a ressalva de que se forem tratadas de qualquer maneira elas deixarão de nos ouvir, o que pode provocar diversos efeitos como doenças e mortes. A provocação deste relato nos remete ao livro de modo geral, com a reflexão sobre as consequências de “deixar de ouvir” vozes outras, sobretudo porque lança luz sobre a relevância de que escutá-las é fazer parentes, conviver, coevoluir, habitar mutuamente, cuidar, contradomesticar, resistir ao antropoceno e aos “fins de mundos”.

Palavras-chave: Vegetar. Crise ecológica. Resistências.

Recebido em 11 de junho de 2021.

Aceito em 26 de novembro de 2021.

Resenha

Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta.

Emília Guimarães Mota

Referências

HARAWAY, Donna J. **Seguir con el problema**. Generar parentesco en el Chthuluceno. Tradução de Helen Torres. Ed. Consonni, Argentina, 2019.

HARAWAY, Donna J. **The companion species manifesto**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: editora 34, 2013. (3a edição).

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília, INCT, 2015.

STENGERS, Isabelle. **A proposição cosmopolítica**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 69, p. 442-464, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/14566>. Acesso em: junho de 2021.